



# *Anarkhía* na Grécia clássica: investigação semântica em tragédias escolhidas

*Anarkhia* in Classical Greece: A semantic investigation in selected tragedies

Patrícia Andréa Borges<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0000-0003-3803-4567>

[pattyaborges@gmail.com](mailto:pattyaborges@gmail.com)

DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v12i1.60408>

**RESUMO:** Este artigo realiza uma investigação da palavra *anarkhía* na Grécia Clássica, explorando seu desenvolvimento semântico e usos na tragédia grega antiga, em obras de Ésquilo, Sófocles e Eurípides: *Os Sete contra Tebas*, *As Suplicantes*, *Agamémnon*, *Antígona* e *Hécuba*. Análises lexicais, etimológicas e históricas revelam que o termo está associado à desobediência civil, recusa em obedecer e vacância de poder, com base nos escritos de Jebb (SOPHOCLES; JEBB [1888] 2010), Rosenfield (2002) e Laffon (2018). A pesquisa contextualiza as tragédias no cenário sociopolítico e histórico da Grécia clássica, aprofundando a compreensão do significado e a relevância de *anarkhía* em diversas esferas do pensamento e da cultura da época. A metodologia inclui coleta de ocorrências lexicográficas no *Perseus*, abonada pelo *Thesaurus Linguae Graecae*® e por textos gregos editados e estabelecidos pela comunidade acadêmica. O estudo enriquece o conhecimento sobre a linguagem, cultura e pensamento político da civilização helênica, contribuindo para os Estudos Clássicos e para a compreensão da sociedade e política da Grécia Antiga.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Anarkhía*; Grécia clássica; contexto semântico; análises lexicográficas; desobediência civil.

**ABSTRACT:** This article conducts an investigation of the word *anarkhia* in Classical Greece, exploring its semantic development and usage in ancient Greek tragedies by Aeschylus, Sophocles, and Euripides, including *Seven against Thebes*, *Suppliants*, *Agamemnon*, *Antigone*, and *Hecuba*. Lexical, etymological, and historical analyses reveal that the term is associated with civil disobedience, refusal to obey, and power vacuum, supported by Jebb (SOPHOCLES; JEBB [1888] 2010), Rosenfield (2002), and Laffon (2018). The research contextualizes the tragedies within the socio-political and historical setting of Classical Greece, deepening the understanding of the significance and relevance of *anarkhia* across various spheres of thought and culture of that era. The methodology includes collecting lexicographical occurrences from the *Perseus* website, endorsed by the *Thesaurus Linguae Graecae*®, and established Greek texts by the academic community. The study enriches knowledge about Hellenic civilization's language, culture, and political thought, contributing to Classical Studies and the understanding of Ancient Greek society and politics.

**KEYWORDS:** *Anarkhia*; Classical Greece; semantic context; lexicographic analysis; civil disobedience.

<sup>1</sup> Doutoranda em Linguística no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL/Unicamp), área de Linguística Histórica (Análise, Descrição e Documentação de Línguas Naturais).



## Introdução

A tragédia grega antiga é uma das formas mais ricas e influentes da literatura clássica, proporcionando *insights* profundos sobre a natureza humana, política e social na Grécia Clássica. Nesse contexto, a palavra *anarkhía* emerge como um elemento linguístico e conceitual de destaque, que atravessa diversas obras dramáticas e traz consigo uma série de significados e implicações que ecoam até os dias atuais.

Considerando a importância supramencionada, o presente estudo empreende uma investigação selecionada da palavra *anarkhía* na Grécia Clássica, com o objetivo de explorar seu desenvolvimento semântico e seus usos no contexto da tragédia grega antiga. A pesquisa se concentra nas peças *Os Sete contra Tebas*, *As Suplicantes* e *Agamêmnon*, de Ésquilo, *Antígona*, de Sófocles, e *Hécuba*, de Eurípides.

Em relação à análise etimológica, a pesquisa aborda os primeiros contextos semânticos relacionados à palavra *anarkhía*, com ênfase na noção de desobediência civil e recusa em obedecer, aspectos discutidos por Jebb (SOPHOCLES; JEBB [1888] 2010), Rosenfield (2002) e Laffon (2018). Além disso, o artigo explora a associação da palavra com a vacância de poder, conforme debatido por Laffon (2013). Essas perspectivas etimológicas proporcionam uma base para compreender a complexidade do conceito de *anarkhía* nas tragédias gregas antigas. Para isso, o estudo contextualiza as tragédias, investigando o cenário sociopolítico e histórico em que os tragediógrafos estavam inseridos. Isso permitiu uma compreensão mais aprofundada do significado e da relevância do termo *anarkhía* nas diversas esferas do pensamento e da cultura da Grécia Clássica.

A metodologia empregada incluiu a coleta de ocorrências lexicográficas da palavra *anarkhía* no site *Perseus*, em que se encontram textos gregos estabelecidos pela comunidade acadêmica, e também no *Thesaurus Linguae Graecae*® — *A Digital Library of Greek Literature* (TLG). Essas ocorrências foram apresentadas em detalhes, permitindo uma compreensão mais ampla das nuances e usos da palavra nas tragédias estudadas. Também realizamos uma análise histórica em dicionário contemporâneo bilíngue de estudo de língua grega antiga (MALHADAS *et al.*, 2006), com abonação em outros dicionários que trazem o vocábulo *anarkhía*. Investigamos os significados encontrados para o período clássico, abordando aspectos como etimologia e a possibilidade de reconstrução etimológica da palavra no teatro trágico.

Por fim, este estudo procurou lançar luz sobre a relevância e a complexidade semântica da palavra *anarkhía* na tragédia grega antiga, contribuindo para o enriquecimento do conhecimento sobre a linguagem, cultura e pensamento político desse importante período histórico. A análise pontual dos contextos e usos da palavra nas obras dos três proeminentes tragediógrafos oferece uma perspectiva para os pesquisadores interessados nos aspectos linguísticos e culturais da Grécia Clássica.

### Etimologia de *anarkhía*

A palavra *anarkhía* tem suas raízes nos textos gregos clássicos do século V AEC e é empregada para descrever situações caracterizadas por desordem ou falta de organização política. Malhadas *et al.* (2006) fornecem diversas explicações para esse substantivo feminino:

- ἀναρχία, ας (ῆ) (*anarkhía*)
- 1 falta ou ausência de chefia
- 2 falta de autoridade, de direção; recusa de obedecer
- 3 anarquia
- 4 em Atenas, o ano sem arcontes
- 5 falta de cargos.
- (ἄναρχος) (*anarkhos*)
- (MALHADAS *et al.*, 2006).

Essas definições estão em consonância com outros dicionários consultados, tais como os de Liddell *et al.* (1996, p. 120), Bailly (2010, p. 139) e outros constantes no site do TLG (2023).

De acordo com Laffon (2013, p. 1), *anarkhía* é composta pela junção do alfa privativo,<sup>2</sup> neste caso com o uso do *an-* (ἀν), porque a palavra seguinte, *arkhè* (ἀρχή), inicia-se com vogal (FREIRE, 2001, p. 265; JACT, 2010, p. 491; RAGON, 2012, p. 164), vocábulo que a autora designa como “magistratura”, por isso, *anarkhía* seria uma “vacância de magistratura” (tradução própria),<sup>3</sup> mas a autora faz uma ressalva: “Il n’est pas facile de déterminer avec certitude et précision la réalité historique qui se cache derrière ce terme”.<sup>4</sup> Em alguns excertos selecionados nesta pesquisa, o termo apresentará o sentido de desobediência civil, tal como definido por Malhadas *et al.* (2006),

<sup>2</sup> O alfa privativo é um prefixo usado para acrescentar o sentido de negação ou ausência à palavra ou ao radical ao qual está ligado.

<sup>3</sup> “[...] de *arkhè* désignant la magistrature, littéralement: « la vacance de la magistrature »” (LAFFON, 2013, p. 1) (grifo do original).

<sup>4</sup> “Não é fácil determinar com certeza e precisão a realidade histórica que se esconde por trás deste termo” (tradução própria).

como uma “recusa em obedecer”, conforme também observa Jebb (SOPHOCLES; JEBB [1888] 2010) e Laffon (2018).

Laffon (2013, p. 8) ressalta que, entre os gregos até o século V AEC, a palavra *anarkhía* está frequentemente associada a períodos de instabilidade política, “provoquant une rupture dans le cours normal des institutions politiques et des changements institutionnels”.<sup>5</sup> Dessa forma, a *anarkhía* pode tanto ser a causa quanto o resultado de uma “vacância de magistratura”. Para Sousa, Garcia e Carvalho (1998, p. 18), *anarkhía* representava, no contexto do pensamento político e democrático da Atenas Clássica, uma “oposição à sociedade politicamente organizada”. Nesse período, a concepção de anarquia estava associada à ideia de desordem, falta de liderança e ausência de uma estrutura governamental estável. Era vista como um estado caótico e indesejável para a sociedade.

Contudo, com o decorrer do tempo e eventos históricos importantes, o significado do termo passou por mudanças significativas. De acordo com Bobbio *et al.* (1998), após a Revolução Francesa, a anarquia adicionou ao seu campo semântico uma conotação positiva. Apesar dessa mudança semântica, é importante notar que a ideia original de vacância de líderes e desordem política permanece como uma das facetas da anarquia, especialmente em períodos históricos conturbados ou em situações de instabilidade política.

### Metodologia para coleta do *corpus*

A metodologia adotada para a investigação lexicográfica do termo *anarkhía* nos textos de Ésquilo, Sófocles e Eurípides concentrou-se nas peças em que o termo ocorre temporalmente. São elas: *Os Sete contra Tebas*, *As Suplicantes*, *Agamêmnon*, *Antígona* e *Hécuba*. A coleta quantitativa das ocorrências do termo foi realizada por meio de buscas específicas no site do *Perseus*,<sup>6</sup> onde foram selecionadas ocorrências nas tragédias dos três autores.

A análise qualitativa das ocorrências do vocábulo *anarkhía* foi conduzida mediante a seleção de excertos representativos em cada uma das tragédias, seguidas de traduções próprias,

<sup>5</sup> “Provocando uma ruptura no curso normal das instituições políticas e mudanças institucionais” (tradução própria).

<sup>6</sup> O *Perseus Digital Library Project* é um projeto de biblioteca digital da Universidade Tufts, iniciado em 1985, que visa explorar as potencialidades das bibliotecas *online*. Trata-se de uma iniciativa prática que busca compreender as transformações advindas da migração das bibliotecas para o ambiente digital e sua conexão em rede. O projeto desenvolveu um website que disponibiliza coleções e serviços, com ênfase na história, literatura e cultura greco-romana, migrando para a World Wide Web em 1995. Adicionalmente, o *Perseus* almeja aplicar seu conhecimento em outras disciplinas, enfrentando desafios referentes à personalização e organização do conteúdo, de acordo com as necessidades dos usuários. O código do sistema de biblioteca digital e muitas das coleções desenvolvidas estão acessíveis no endereço: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/collection?collection=Perseus:collection:Greco-Roman>. Acesso em: 28 jul. 2023.

visando melhor compreensão do uso da palavra no contexto histórico específico das peças. Os versos selecionados para análise neste trabalho proporcionam uma valiosa oportunidade para compreendermos a utilização do termo *anarkhía* dentro do contexto dessas tragédias, uma vez que sua exploração contribuiu para uma apreciação mais aprofundada do conceito e do desenvolvimento semântico da palavra no teatro trágico.

Assim, a pesquisa buscou identificar o significado específico da palavra *anarkhía* em cada texto, observando como foi utilizada pelo tragediógrafo e como se relacionava com a trama e os temas abordados nas tragédias.

O intuito primordial da pesquisa foi o de rastrear o primeiro uso da palavra no sentido de “desobediência civil”, como definida em Bobbio *et al.* (1998, p. 335-338), conceito inserido modernamente por “*Civil disobedience* (1849) de Henry David Thoreau” e entendida como

uma forma particular de desobediência, na medida em que é executada com o fim imediato de mostrar publicamente a injustiça da lei e com o fim mediato de induzir o legislador a mudá-la. [...] a Desobediência civil é um ato que tem em mira, em última instância, mudar o ordenamento, sendo, no final das contas, mais um ato inovador do que destruidor. Exatamente pelo seu caráter demonstrativo e por seu fim inovador, o ato de Desobediência civil tende a ganhar o máximo de publicidade. Este caráter publicitário serve para distingui-la nitidamente da desobediência comum: enquanto o desobediente civil se expõe ao público e só expondo-se ao público pode esperar alcançar seus objetivos, o transgressor comum deve realizar sua ação no máximo segredo, se desejar alcançar suas metas. As circunstâncias defendidas pelos autores da Desobediência civil e que favorecem mais a obrigação da desobediência do que a da obediência são substancialmente três: o caso da lei injusta, o caso da lei ilegítima (isto é, emanada de quem não tem o direito de legislar) e o caso da lei inválida (ou inconstitucional). (BOBBIO *et al.*, 1998, p. 335)

Ou seja, a “desobediência civil” como uma forma específica de desobediência que visa expor publicamente a injustiça da lei e influenciar o legislador a mudá-la. É considerada lícita e até mesmo obrigatória pelos que a praticam, diferenciando-se da desobediência comum, pois busca transformar o sistema legal em vez de apenas desafiá-lo. É chamada de “civil” porque os praticantes acreditam estar agindo como bons cidadãos em circunstâncias que exigem desobediência. É um ato demonstrativo e inovador, buscando o máximo de publicidade para alcançar seus objetivos. As situações que justificam a desobediência civil incluem leis injustas, ilegítimas ou inválidas.

O quadro 1 a seguir apresenta, a partir da datação mais antiga, as ocorrências do vocábulo encontradas nas tragédias gregas, via site *Perseus*, dispostas em ordem cronológica, entre Ésquilo, Sófocles e Eurípides.

### Quadro 1 — Ocorrência da palavra *anarkhía* nas tragédias gregas

Palavras do corpus	Ocorrências encontradas do vocábulo <i>anarkhía</i>	Nome da Obra/Autor	Datação <sup>7</sup> (AEC)
5341	1	<i>Os Sete contra Tebas</i> , Ésquilo	467
5214	1	<i>As Suplicantes</i> , Ésquilo	c. 463 <sup>8</sup>
8494	1	<i>Agamêmnon</i> , Ésquilo	458
7662	1	<i>Antígona</i> , Sófocles	442 <sup>9</sup>
7570	1	<i>Hécuba</i> , Eurípides	c. 424 <sup>10</sup>
34.281	5		

Fonte: Elaboração própria. Adaptado de:  
[http://www.perseus.tufts.edu/hopper/wordfreq?lang=greek&lookup=a\)narxi%2Fa](http://www.perseus.tufts.edu/hopper/wordfreq?lang=greek&lookup=a)narxi%2Fa)

Ao analisar a quantidade de palavras do *corpus* e as ocorrências de *anarkhía* encontradas nas tragédias gregas antigas, podemos observar que o termo é relativamente raro em relação ao tamanho total do *corpus*, o qual contém um total de 34.281 palavras com apenas cinco ocorrências do termo de análise desta pesquisa. Isso representa uma proporção de aproximadamente uma ocorrência do vocábulo a cada 6.856 palavras.

Apesar da escassez de ocorrências, a relevância das análises qualitativas dessas poucas instâncias é inegável. Cada contexto em que a palavra é empregada pode oferecer *insights* únicos sobre como o conceito de *anarkhía* era compreendido e interpretado pelos autores e pela audiência. A análise desses versos, suas relações com a trama e os temas das tragédias contribui para uma compreensão mais completa e sofisticada do papel da *anarkhía* na construção do significado nas obras dos três tragediógrafos.

### Traduções do *corpus* e datações

A abordagem do *corpus* do período Clássico exige prudência devido à distância temporal que nos separa daquele contexto histórico. Nesse sentido, para analisar as tragédias, adotamos a linha do tempo estabelecida por Romilly (1998) como uma referência<sup>11</sup>. Feita essa observação, faremos, a

<sup>7</sup> Datação estabelecida a partir de Romilly (1998, pp. 165-166), com averiguação em Easterling & Knox (1985).

<sup>8</sup> Para Easterling & Knox (1985, p. 761) a data é posterior a 460 AEC.

<sup>9</sup> Romilly (1998, pp. 165-166) e Easterling & Knox (1985, p. 765) concordam com a datação de Antígona.

<sup>10</sup> Em torno de 424 AEC, de acordo com Romilly (1998, pp. 165-166) e Easterling & Knox (1985, p. 768).

<sup>11</sup> Usamos também Easterling & Knox (1985) para averiguações, considerando o arcabouço de referência apresentada e demonstrada pelos autores.

seguir, uma breve apresentação dos tragediógrafos e das obras que compõem o *corpus* onde a palavra *anarkhía* está presente.

## Tragediógrafos

No âmbito da investigação sobre os tragediógrafos da Grécia Antiga, destaca-se Ésquilo (525/524 – 456/455 AEC)<sup>12</sup>. De acordo com Romilly (1998, p. 165 a 167), todas as tragédias de Ésquilo foram apresentadas em Atenas, cidade onde o teatro grego alcançou seu apogeu. Para fins deste artigo, como já dito, foram analisadas três de suas peças: *Os Sete contra Tebas*, encenada em 467 AEC (versos 1029-1032); *As Suplicantes*, c. 463–460 AEC (versos 905-906); e *Agamémnon* (versos 880-885), que faz parte da trilogia da *Oresteia*, apresentada em 458 AEC. Essa trilogia garantiu a vitória de Ésquilo no concurso teatral de 458 AEC, evidenciando a excelência de suas criações dramáticas.

O segundo tragediógrafo a ser abordado neste estudo é Sófocles (497/496 – 406/405 AEC),<sup>13</sup> conhecido por suas contribuições significativas ao teatro grego clássico. Dentre suas obras, destaca-se a *Antígona*, cuja encenação ocorreu em Atenas, provavelmente no ano de 442 AEC, sendo os versos 672 a 676 da peça objeto da análise, uma vez que apresentam o vocábulo *anarkhía*.

Finalmente, o terceiro e último autor de tragédias abordado nesta pesquisa é Eurípides (480 – 406 AEC)<sup>14</sup>, um dos mais célebres dramaturgos da Grécia Antiga. Sua peça *Hécuba* (v. 604 – 608) também faz parte do *corpus* deste estudo, tendo sido encenada por volta de 424 AEC.

## Traduções das Tragédias

### Ésquilo *Os Sete Contra Tebas*

A primeira tragédia grega a ser apresentada é *Os Sete Contra Tebas* (v. 1029-1032) de Ésquilo, que representa a conclusão da série de eventos narrados nas duas outras peças perdidas, *Laio*

<sup>12</sup> Peças de Ésquilo: *Os Persas* (472 AEC), *Os Sete contra Tebas* (467 AEC), *As Suplicantes* (463 AEC), *Prometeu Acorrentado* (de cronologia contestada para Romilly) e *Oresteia* (trilogia composta por *Agamémnon*, *As Coéforas* e *As Eumênides* em 458 AEC) (ROMILLY, 1998, p. 165).

<sup>13</sup> Peças de Sófocles: *Ájax* (data desconhecida), *As Traquínias* (data desconhecida), *Antígona* (442 AEC), *Édipo Rei* (c.420 AEC), *Electra* (?), *Filocietes* (409 AEC), *Édipo em Colona* (401 AEC) (ROMILLY, 1998, p. 166).

<sup>14</sup> Peças de Eurípides: *Alceste* (438 AEC), *Medeia* (431 AEC), *Os Heráclidas* (entre 430 e 427 AEC), *Hipólito* (428 AEC), *Andrômaca* (entre 426 e 424 AEC), *Hécuba* (c.424 AEC), *As Suplicantes* (entre 424 e 421 AEC), *Electra* (420 AEC), *Hércules Furioso* (entre 420 e 415 AEC), *Ion* (entre 418 e 414 AEC), *As Troianas* (415 AEC), *Ifigênia em Táuris* (entre 415 e 412 AEC), *Helena* (412 AEC), *As Fenícias* (410 AEC), *Orestes* (408 AEC), *Ifigênia em Áulis* e *As Bacantes* (após a morte de Eurípides) (ROMILLY, 1998, pp. 166-167).

e *Édipo*,<sup>15</sup> por trazer o desfecho da linhagem dos Labdácidas. A maldição que assombrava a família encontra aqui seu final, marcando o término de uma sequência de três tragédias e encerrando sua relação com a audiência. A obra funciona como uma dupla conclusão: tanto da trilogia, quanto do também perdido drama satírico, *Esfinge*,<sup>16</sup> o qual encerra a tetralogia (MOTA, 2013, pp. 145-146).

Após a descoberta do parricídio e do incesto cometido por Édipo, seus filhos, Etéocles e Polinices, exilaram-no de Tebas. Em resposta, Édipo lançou uma maldição profetizando que seus filhos homens jamais viveriam em paz, mesmo após a morte, e que dividiriam a herança entre si através do derramamento de sangue. Essa maldição foi um dos fatores que levaram à guerra dos Sete Chefes contra Tebas, culminando na morte trágica de ambos os irmãos (GRIMAL; JABOUILLE, 2005, p. 386).

A trama da peça descreve o afastamento de Polinices, filho mais velho de Édipo, do trono de Tebas, uma vez que seu irmão Etéocles se recusa a ceder o poder após o primeiro ano de seu reinado. Em busca de aliados em Argos para reivindicar seu direito ao trono, Polinices lidera uma expedição com sete príncipes, sob a liderança de Adrasto. No entanto, a guerra termina em desastre, com a vitória dos tebanos. Os irmãos Etéocles e Polinices se envolvem em um duelo mortal, cumprindo, assim, a profecia de Édipo. Etéocles é honrado com um funeral heroico, enquanto Polinices é deixado sem sepultura por ordens de Creonte.

No trecho em análise, que é motivo de crítica entre a comunidade acadêmica e considerado “espúrio”, ocorre um momento crucial em que Antígona desobedece ao édito de Creonte e decide sepultar Polinices. Muitos críticos<sup>17</sup> acreditam que houve interferência na peça, possibilitando a construção de uma conexão entre ela e a famosa *Antígona* de Sófocles. Portanto, esses trechos específicos não podem ser necessariamente atribuídos a Ésquilo. O vocábulo *anarkhía* aparece no verso 1030 desse recorte considerado “espúrio”, durante um diálogo da personagem Antígona:

**Ἀντιγόνη**

θάψασ' ἀδελφὸν τὸν ἐμόν, οὐδ' αἰσχύνομαι

ἔχουσ' ἄπιστον τήνδ' **ἀναρχίαν** πόλει.

1030

δεινὸν τὸ κοινὸν σπλάγχχνον, οὗ πεφύκαμεν,

μητρὸς ταλαίνης κάπὸ δυστήνου πατρός.

(ÉSQUILO; TORRANO, 2009, p. 204 – grifo nosso)

<sup>15</sup> Sommerstein (2002, p. 23).

<sup>16</sup> Sommerstein (2002, p. 23).

<sup>17</sup> Entre os críticos estão: Morani (AESCHYLUS; MORANI, 1987, p. 75), West (WEST, 1990, p. 125), Hecht e Bacon (AESCHYLUS; HECHT; BACON, 1991, pp. 07, 83, 84), Salvador (2006, p. 112), Sommerstein (AESCHYLUS; SOMMERSTEIN, 2009, pp. 265-266), Torrano (2009, pp. 137-138), Gagné (2013, p. 359) e Greene (AESCHYLUS et al., 2013, p. 78).

### Antígona

[...] por prestar honras fúnebres a meu irmão, não me envergonho por esta infiel **desobediência** contra a cidade.

O terrível ventre comum, de onde nascemos,  
de mãe desafortunada e de pai infeliz. (Tradução própria, grifo nosso)

A presença da palavra *anarkhía*<sup>18</sup> na tragédia *Os Sete contra Tebas* está intrinsecamente relacionada à situação de insubordinação protagonizada por Antígona diante da ordem de Creonte, que proibia a realização dos ritos fúnebres para Polinices, considerado um traidor de Tebas. Ésquilo emprega o termo *anarkhía* com o significado de “desobediência, insubordinação”. Nessa peça específica, Antígona se recusa a acatar as ordens emanadas pela cidade, que determinavam que o corpo de seu irmão deveria ser deixado para ser devorado pelos cães: “Não me envergonho por esta infiel desobediência contra a cidade” (vv. 1029–1030, tradução própria), afirma Antígona nos versos estudados.

Este trecho se liga intrinsecamente à *Antígona* de Sófocles, como veremos posteriormente.

### As Suplicantes

Em *As Suplicantes* de Ésquilo (c. 463–460 AEC), relata-se a história das cinquenta filhas de Dânao, conhecidas como Danaides, que se veem obrigadas a fugir do Egito para escapar de um casamento forçado com seus primos, os Egípcíades. Ao chegarem em Argos, essas mulheres suplicam ao rei da cidade, Pelasgo, implorando sua proteção e auxílio para evitar o indesejado matrimônio. No verso 906, na fala do Arauto, vemos a palavra *anarkhía*<sup>19</sup> sendo utilizada pelo tragediógrafo:

### Κῆρυξ

πολλοὺς ἄνακτας, παῖδας Αἰγύπτου, τάχα  
ὄψεσθε· θαρσεῖτ', οὐκ ἔρεῖτ' **ἀναρχίαν**.

906

(AESCHYLUS; PALEY, 1861, p. 74 – grifo nosso)

### Arauto

muitos reis, filhos do Egito, em breve  
contemplareis: tende coragem! Não falarão que há **falta de governo/ ausência de líder**. (Tradução própria, grifo nosso)

<sup>18</sup> Alguns editores e tradutores do texto grego de Ésquilo consultados não comentam necessariamente este trecho, vide Paley (1870, p. 77), Morani (AESCHYLUS; MORANI, 1987, p. 75), Hecht e Bacon (AESCHYLUS; HECHT; BACON, 1991), Sommerstein (AESCHYLUS; SOMMERSTEIN, 2009, pp. 268–269).

<sup>19</sup> O trecho em que consta ἀναρχία também não é tratado nos seguintes tradutores e comentadores: Morani (AESCHYLUS; MORANI, 1987, p. 80) e Sommerstein (AESCHYLUS; SOMMERSTEIN, 2009, p. 407). Smyth (AESCHYLUS; SMYTH, 1922, p. 88) faz a observação de que os versos 904 a 908 são transpostos e que o v. 906 poderia ser grafado θάρσει τοῦ χερεῖ ταναρχίαν, de acordo com o manuscrito de Robertelli (1552), mas não comenta o trecho.

No trecho mencionado, o Arauto busca tranquilizar as Danaides, que estão passando por um momento difícil, ao sugerir que, apesar dos desafios que enfrentam, não haverá ausência de governança, já que vários reis estarão liderando e ajudando-as a superar suas adversidades. Essa passagem de Eurípides será usada por Bloomfield como exemplo e referência em sua *História da Guerra do Peloponeso* (THUCYDIDES; BLOOMFIELD, 1830, p. 74), em relação ao contexto de *anarkhía* tratado em *As Suplicantes*:

τὴν ἀξύντακτον ἀναρχίαν] ‘disorderly insubordination’. So Æschyl. *Suppl.* 920. πολλοὺς ἄνακτας — τάχα ὄψεσθε· θαρσεῖτ’, οὐκ ἔρεῖτ’ ἀναρχίαν. (THUCYDIDES; BLOOMFIELD, 1830, p. 74)<sup>20</sup>

Em Tucídides, para Bloomfield (THUCYDIDES; BLOOMFIELD, 1830), a expressão τὴν ἀξύντακτον ἀναρχίαν é traduzida como “disorderly insubordination” em inglês, ou seja, “insubordinação desordeira” ou “desordem insubordinada” em português. Essa palavra aparece no contexto de descrever um estado de caos ou falta de ordem, provavelmente referindo-se a uma situação de instabilidade política ou social durante a guerra em questão.

Por outro lado, nos versos 905-906 de *As Suplicantes* de Ésquilo, a palavra *anarkhía* é traduzida como “ausência de líder”, indicando a falta de governantes ou líderes que possam orientar e guiar as pessoas em tempos difíceis. Nesse contexto, a personagem Arauto sugere que, embora enfrentem desafios, não faltarão líderes para ajudá-las a superá-los. Portanto, apesar de ambas as ocorrências da palavra *anarkhía* compartilharem a ideia de desordem ou falta de liderança, é importante notar que a tradução específica pode variar dependendo do contexto em que a palavra é utilizada em cada obra. Em Tucídides, o termo parece descrever um estado geral de caos, enquanto em *As Suplicantes*, se refere à falta específica de líderes. Essas nuances contextuais são importantes para uma interpretação mais completa e precisa do significado da palavra em cada caso.

## *Agamêmnon*

A terceira ocorrência do vocábulo *anarkhía* se encontra na peça *Agamêmnon* (vv. 880-885) de Ésquilo, datada de 458 AEC. Nessa tragédia, o rei Agamêmnon retorna à sua cidade após a Guerra de Troia, acompanhado da cativa Cassandra, princesa troiana e adivinha amaldiçoada por Apolo. Ao regressar, Agamêmnon é recebido por sua esposa Clitemnestra, que finge demonstrar afeto e respeito. Contudo, por trás dessa fachada, ela planeja vingar o sacrifício de sua filha Ifigênia, arquitetando, em

<sup>20</sup> τὴν ἀξύντακτον ἀναρχίαν significa “insubordinação desordeira” ou “desordem insubordinada” (refere-se ao texto de Tucídides, *História da Guerra do Peloponeso*, 6, 72). A citação de Ésquilo em *As Suplicantes* 920 (*sic*) diz: πολλοὺς ἄνακτας — τάχα ὄψεσθε· θαρσεῖτ’, οὐκ ἔρεῖτ’ ἀναρχίαν, que pode ser traduzida como “muitos reis – em breve contemplareis. Tende coragem, não falarão que há ausência de líder” (vv. 905-906, tradução própria).

conluio com seu amante Egisto, o assassinato do rei. No verso 883, durante um discurso de Clitemnestra, ocorre a única aparição da palavra *anarkhía*<sup>21</sup> na peça:

**Κλυταιμίστρα**

τρέφει γὰρ αὐτὸν εὐμενῆς δορύξενος 880  
 Στρόφιος ὁ Φωκεύς, ἀμφίλεκτα πῆματα  
 ἔμοι προφωνῶν, τόν θ' ὑπ' Ἰλίῳ σέθεν  
 κίνδυνον, εἴ τε δημόθρους **ἀναρχία**  
 βουλήν καταρρίψειεν, ὥς τι σύγγονον  
 βροτοῖσι τὸν πεσόντα λακτίσαι πλέον. 885  
 (ÉSQUILO; TORRANO, 2004, p. 162, 164 – grifo nosso)

**Clitemnestra**

[...] pois dá-lhe abrigo, o bom hospedeiro,  
 Estrófiο da Fócida, por prevenir-me  
 de duvidosos flagelos, aos pés de Troia o teu  
 perigo, se uma **insubordinação** popular  
 derrubasse o Conselho, sendo congênito  
 aos mortais pisotear os completamente caídos.  
 (Tradução própria, grifo nosso)

No excerto destacado, percebemos que durante o discurso de recepção ao rei Agamêmnon, Clitemnestra expõe sua preocupação com a falta de liderança e os perigos que ele enfrentou em Troia, o que poderia resultar na ruína de Argos. A palavra *anarkhía* é utilizada para descrever a apreensão de que a possível morte de Agamêmnon em Troia poderia desencadear uma disputa pelo poder em Argos, na qual diferentes facções da família lutariam pelo controle da cidade (AESCHYLUS; SOMMERSTEIN, 2009, p. 101). Laffon (2018, p. 16) retrata a tensão do verso como “a ausência de governo”, que evoca “a ira anárquica do povo”. Em nota, a autora menciona a função de *anarkhía* nesta tragédia, como um elemento que enfatiza os conflitos políticos e a instabilidade do poder, refletindo o caos que se instaura diante da possibilidade de um vácuo de liderança:

The substantive ἀναρχία is used in the v.883 of *Agamemnon* with an institutional meaning (absence of an ἀρχός or ἄρχων) to designate the vacancy of power caused by the hypothetical death of the king on the battlefield before power-vacuum becomes effective with the murder of Agamemnon.<sup>22</sup>

<sup>21</sup> A palavra *anarkhía* não é analisada em outros autores consultados (AESCHYLUS; SMYTH, 1926, p. 72; AESCHYLUS; MORANI, 1987, pp. 85-86; ÉSQUILO, TORRANO, 2004, pp. 61 e 165; AESCHYLUS; SOMMERSTEIN, 2009, p. 101; ÉSQUILO, TRAJANO VIEIRA, 2020).

<sup>22</sup> “O substantivo ἀναρχία é usado no verso 883 de *Agamemnon* com um significado institucional (ausência de um ἀρχός ou ἄρχων) para designar o vácuo de poder causado pela hipotética morte do rei no campo de batalha, antes que o vácuo de poder se torne efetivo com o assassinato de Agamêmnon” (tradução própria).

A palavra adquire, assim, uma dimensão crítica, destacando os perigos da anarquia política e as consequências devastadoras que podem surgir quando a ordem é subvertida. Ésquilo, ao utilizar *anarkhía* nesse contexto, faz com que Clitemnestra relate a apreensão e a inquietação que ela sentiu durante o período em que o rei esteve ausente na guerra. Como rainha de Argos, a ausência de Agamêmnon na cidade foi um período de grande preocupação para ela, pois a liderança e estabilidade política estavam diretamente relacionadas à presença do rei. A incerteza causada por essa ausência gerou temores de que a ordem política pudesse ser ameaçada e que conflitos internos pudessem surgir em decorrência dessa situação.<sup>23</sup>

## Sófocles *Antígona*

Na tragédia *Antígona* de Sófocles (c. 442 AEC), a filha de Édipo, Antígona, desafia corajosamente as ordens de seu tio, o rei Creonte, ao decidir proporcionar um funeral adequado a seu irmão Polinices, que foi morto em uma batalha contra seu próprio irmão, Etéocles<sup>24</sup>. Antígona acredita que, como membro da mesma família, é seu dever consanguíneo prestar os devidos ritos fúnebres a seu irmão, mesmo que isso signifique desobedecer às ordens do rei.<sup>25</sup> Esse ato de desobediência civil<sup>26</sup> desencadeia uma série de eventos trágicos, levando à prisão e condenação de Antígona à morte por Creonte.<sup>27</sup> O rei argumenta que a manutenção da lei e da ordem é essencial, mesmo que isso resulte em medidas extremas.

Em conversa entre Creonte e seu filho Hémon, no verso 672, Sófocles emprega a palavra *anarkhía* para ressaltar o ato de desobediência de Antígona e sua negação ao status quo do poder político imposto pelo governante. A escolha desse termo enfatiza a tensão entre o poder do Estado e o dever pessoal, bem como a coragem de Antígona em resistir às ordens do rei em nome de seus princípios éticos e familiares. A utilização de *anarkhía* nesse contexto permite a reflexão sobre os conflitos morais e políticos presentes na tragédia e ressalta a complexidade das questões de governança e autoridade nas sociedades antigas.

### Κρέων

ἀναρχίας δὲ μείζον οὐκ ἔστιν κακόν.

672

<sup>23</sup> Um caso similar é relatado na própria *Odisseia*, quando Penélope se vê também usando de astúcia para que os pretendentes à mão dela e ao trono *vacante* de Odisseu não dilapidassem seu reino e nem usurpassem seu trono.

<sup>24</sup> Tema de *Os Sete Contra Tebas*, de Ésquilo.

<sup>25</sup> *Antígona*, vv. 41-48 (SOPHOCLES; JEBB [1888] 2010, p. 16;18).

<sup>26</sup> *Os Sete Contra Tebas*, v. 1030 (ÉSQUILO; TORRANO, 2009, p. 204), *Antígona*, vv. 376-383 (SOPHOCLES; JEBB [1888] 2010, p. 78).

<sup>27</sup> *Antígona*, vv. 497-498, (SOPHOCLES; JEBB [1888] 2010, p. 98).

αὕτη πόλεις ὄλλυσιν, ἢδ' ἀναστάτους  
 οἴκους τίθησιν, ἢδε \*συμμάχου δορὸς  
 τροπὰς καταρρήγνυσι· τῶν δ' ὀρθουμένων  
 σώζει τὰ πολλὰ σώμαθ' ἡ πειθαρχία.  
 (SOPHOCLES; JEBB, [1888] 2010, pp. 126, 128 – grifo nosso) 675

### Creonte

Não há mal maior do que a **anarquia**.  
 Ela arruína cidades, esvazia  
 casas e faz estourar fugas de lanças aliadas  
 mas a obediência ao governo salva numerosas  
 vidas dos bem-sucedidos. (Tradução própria, grifo nosso)

Creonte usa a palavra *anarkhía* para descrever a gravidade da desobediência civil e do desrespeito às leis estabelecidas. O rei tebano argumenta veementemente que a anarquia é uma força destrutiva que leva ao caos e à desordem nas cidades, à instabilidade dos lares e à quebra das alianças militares. Para Creonte, a ausência de um governo forte e a desobediência à autoridade constituída são ameaças à coesão social e à sobrevivência da comunidade. No verso 675, o monarca enfatiza a importância da obediência (*peitharkhía*) ao governo como um meio de proteger e preservar a vida de muitas pessoas. Sua posição é clara ao defender a necessidade de cumprir as leis e seguir a autoridade do rei, pois isso é considerado crucial para manter a ordem e garantir a estabilidade do Estado.

Na introdução da peça, Jebb (SOPHOCLES; JEBB [1888] 2010)<sup>28</sup> destaca que a anarquia é o pior mal que pode atingir um Estado e, portanto, a primeira obrigação de um governante é fazer cumprir as leis e manter a ordem. A segurança do indivíduo depende da segurança do Estado, e, portanto, cada cidadão tem um interesse direto na obediência. Essa obediência deve ser absoluta e inquestionável. O governante deve ser obedecido em questões pequenas e grandes, em questões justas e injustas (*Antígona*, v. 667). Ou seja, o súdito nunca deve presumir decidir por si mesmo quais comandos podem ser negligenciados ou resistidos. Ao recompensar os leais e punir os desleais, um governante promoverá tal obediência. Essa abordagem realça a importância da autoridade e da obediência como pilares fundamentais para a manutenção da lei e da ordem pública.

<sup>28</sup> “Anarchy is the worst evil that can befall a State: the first duty of a ruler is therefore to enforce law and maintain order. The safety of the individual depends on that of the State, and therefore every citizen has a direct interest in obedience. This obedience must be absolute and unquestioning. The ruler must be obeyed ‘in little things and great, in just things and unjust’ (v. 667). That is, the subject must never presume to decide for himself what commands may be neglected or resisted. By rewarding the loyal and punishing the disloyal, a ruler will promote such obedience. (Grifos do original) (SOPHOCLES; JEBB, [1888] 2010, p. XXXV) — “A anarquia é o pior mal que pode acontecer a um Estado: o primeiro dever de um governante é, portanto, fazer cumprir a lei e manter a ordem. A segurança do indivíduo depende disso, e, portanto, cada cidadão tem um interesse direto na obediência. Essa obediência deve ser absoluta e inquestionável. O governante deve ser obedecido ‘em pequenas coisas e grandes, em coisas justas e injustas’ (v. 667). Isso significa que o súdito nunca deve presumir decidir por si mesmo quais comandos podem ser negligenciados ou resistidos. Ao recompensar os leais e punir os desleais, um governante promoverá tal obediência” (tradução própria).

Nesse contexto, a palavra *anarkhía* é utilizada por Sófocles, conforme interpretação de Jebb (SOPHOCLES; JEBB, [1888] 2010) para transmitir a ideia de que a desobediência e a falta de respeito às leis podem resultar em um cenário caótico e desordenado, representando uma ameaça para a comunidade e a sobrevivência da sociedade como um todo. A ênfase na obediência ao governo e à autoridade estabelecida é vista como crucial para garantir a ordem social e a estabilidade política. É neste ponto que as duas Antígonas, a de Ésquilo e a de Sófocles, se encontram, e o mito se consolida como fonte nos textos trágicos.

Antígona é um exemplo claro de desobediência civil na peça. Ela está disposta a enfrentar as consequências de suas ações em nome de seus princípios e crenças pessoais, mesmo que isso signifique desafiar a autoridade estabelecida. Para Antígona, a justiça divina e a lei da família são superiores às leis humanas, e ela não hesita em agir em conformidade com esses valores, mesmo que isso a coloque em rota de colisão com o poder estatal representado por Creonte. Sobre isso, Rosenfield (2002, p. 32) comenta:

A rebeldia de Antígona inspira particular receio, porque Creonte apresenta sua audácia como uma rebeldia às leis da cidade, isto é, como um retorno da maldição que minou a ordem cívica em Tebas. [...]

Creonte ressalta a necessidade imperiosa de reerguer a cidade reordenando-a e pondo fim às graves perturbações dos Labdácidas: o incesto de Édipo, a guerra civil e o fratricídio de Polinices e de Etéocles e, por fim, a rebeldia de Antígona. (ROSENFELD, 2002, p. 32)

A rebeldia anárquica de Antígona e a inflexibilidade de Creonte fazem de Tebas uma “anti-Atenas” (ZEITLIN *apud* TATUM, 2015, p. 96), uma vez que esta apresenta contrastes significativos em relação àquela em seus aspectos políticos, como a figura do monarca tebano em oposição à democracia ateniense. Nesse contexto, o espectador ateniense, caracterizado por ser “an audience imbued with democratic sensibilities” (TATUM, 2015, p. 94)<sup>29</sup> contempla a tragédia encenada e não se identifica com os eventos retratados na peça. Como bem observado por Tatum (2015, p. 96), os atenienses podem ir além da mera observação e reconhecem que não estão se vendo refletidos nas cenas apresentadas.<sup>30</sup>

<sup>29</sup> “um público impregnado de sensibilidades democráticas” (tradução própria).

<sup>30</sup> “Perhaps in this instance the Athenians did more than merely look. But they knew they were not looking at themselves” (TATUM, 2015, p. 96).

**Eurípides**  
***Hécuba***

A tragédia *Hécuba* de Eurípides (c. 424 AEC) representa a última obra de nosso *corpus* a ser submetida a análise. O enredo desenrola-se no período final da Guerra de Troia e tem como protagonista a esposa de Príamo, Hécuba. Nessa peça, a rainha enfrenta uma batalha para evitar o sacrifício de sua filha Polixena em honra a Aquiles e busca vingança pela morte de seu filho Polidoro, executado por Polimestor (FRANCISCATO, 2014, p. 26). Hécuba, no verso 607, suplica para que o martírio de sua filha seja evitado, em uma cena que evoca paralelos com os eventos narrados em Áulis, em que Clitemnestra e o próprio Aquiles intercederam em favor de Ifigênia:

**Ἑκάβη**

σὺ δ' ἔλθε καὶ σήμηνον Ἀργείοις τάδε,  
μὴ θιγγάνειν μοι μηδέν', ἀλλ' εἴργειν ὄχλον, 605  
τῆς παιδός. ἔν τοι μυρίῳ στρατεύματι  
ἀκόλαστος ὄχλος ναυτική τ' **ἀναρχία**  
κρείσσων πυρός, κακὸς δ' ὁ μὴ τι δρῶν κακόν.  
(EURIPIDES; GREGORY, 1999, p. 18-19 – grifo nosso)

**Hécuba**

[...] Vai tu e revele aos argivos isto:  
não toquem, mas afastem a multidão  
de minha filha. Na multidão numerosa,  
a tropa **indisciplinada** e a frota desgovernada  
é mais forte que o fogo e mal é não agir mal.  
(Tradução própria, grifo nosso)

No trecho em destaque, Hécuba, personagem central da tragédia de Eurípides, demonstra sua preocupação e desdém em relação à multidão desgovernada que pode facilmente ser incitada à violência. Ao se dirigir ao arauto Taltíbio, ela ordena que o mensageiro leve um recado aos gregos, pedindo que não sacrifiquem sua filha Polixena. Nesse contexto, a figura de Polixena, prestes a ser sacrificada, representa o símbolo da vulnerabilidade e injustiça vivenciadas pelas vítimas dos caprichos da multidão descontrolada.

A análise de Gregory (1999, p. 119) aponta para uma interpretação política e social dessa passagem. Ela sugere que a fala de Hécuba reflete o ponto de vista da oligarquia, pois nela transparece um desdém pela “multidão desgovernada”, que pode ser associada a uma perspectiva oligárquica da Atenas do século V AEC. Nesse contexto histórico, havia uma tensão entre o governo democrático e as facções oligárquicas, o que se reflete na representação teatral de Eurípides.

A menção à palavra *anarkhía*, que significa “desgoverno” ou “ausência de governo”, em relação à turba indisciplinada, reforça a ideia de que Hécuba expressa uma visão de descontentamento

e desconfiança em relação à liderança popular. A possibilidade de violência e o temor de que o corpo de Polixena seja profanado como o de Heitor na *Iliada* (*Iliada*, XXII, vv. 367-370) acrescentam uma dimensão trágica à cena, destacando a vulnerabilidade das vítimas diante da irracionalidade e impulsividade da massa.

### ***Anarkhía: perpassando as tragédias***

A primeira ocorrência no *corpus* escolhido da palavra *anarkhía*, que está em *Os Sete Contra Tebas* de Ésquilo, reflete diretamente a insubordinação corajosa protagonizada por Antígona diante das ordens estatais de Creonte, que proibia os ritos fúnebres para o considerado traidor de Tebas, Polinices. O termo *anarkhía*, empregado pelo autor com o sentido de “desobediência” e “insubordinação”, descreve a ousadia de Antígona em desafiar as leis da cidade e seguir seus princípios morais e religiosos. Nesse contexto, o uso da palavra enfatiza o conflito entre a autoridade estatal e os direitos individuais, abrindo caminho para discussões sobre moralidade, ética e governança na antiga Tebas.

Efetivamente, os versos de Antígona em *Os Sete Contra Tebas*, marcados por sua natureza indisciplinada e anárquica, refletem sua insubordinação diante das ordens de Creonte. Por outro lado, em *As Suplicantes* de Ésquilo, encontramos versos de tom tranquilizador proferidos pelo Arauto. Ao comunicar às suplicantes que não haveria uma ausência de liderança e que muitos reis estariam governando, o mensageiro proporciona uma perspectiva reconfortante de que elas não seriam lançadas ao caos e à desordem. Vale notar que, nas duas peças, o termo *anarkhía* carrega uma conotação negativa. Contudo, a distinção crucial reside na ação representada. Em *Os Sete Contra Tebas*, a *anarkhía* surge por meio da insubordinação de Antígona, enquanto em *As Suplicantes*, a situação permanece sob controle, pois não ocorre uma falta de liderança.

A última tragédia esquiliana a usar a palavra *anarkhía* é *Agamêmnon*, da trilogia *Oresteia*. Nesse contexto, o termo está intrinsecamente associado à temida “ira anárquica”, que se manifesta diante da possibilidade da vacância de poder resultante da iminente partida de Agamêmnon para Troia, conforme categorizado por Laffon (2018). A apreensão da rainha Clitemnestra reside no temor de um vácuo de poder no trono de Argos, desencadeando um cenário de desordem política e social, potencialmente culminando numa “insurreição popular”. Além disso, verifica-se que Aristóteles, em sua obra *Política* (6.1319b) (ARISTOTLE, NEWMAN, 1902, p. 78), recupera esse mesmo termo, aplicando-o para descrever os possíveis efeitos de uma insurreição de escravos, mulheres e crianças à democracia.

A potência rebelde e anárquica de *Antígona* ressurge na peça homônima, escrita por Sófocles, que personifica a resistência em acatar as ordens do rei em nome de seus princípios familiares. Esse conflito fundamental entre o cumprimento das leis e os deveres morais individuais constitui um dos

pilares centrais da tragédia, oferecendo uma reflexão profunda sobre os significados da justiça, da autoridade e da responsabilidade pessoal na sociedade. Ao desenvolver o diálogo entre Creonte e Hémon, versos analisados neste artigo, Sófocles apresenta um debate complexo sobre a natureza do poder e a importância da obediência às leis, instigando os espectadores a questionarem suas próprias concepções sobre autoridade e justiça. A palavra *anarkhía* desempenha um papel essencial nessa discussão, realçando a gravidade das consequências da desobediência civil e enfatizando o papel crucial das leis e da ordem na construção de uma sociedade estável e coesa.

Em *Hécuba* de Eurípides, é possível perceber uma preocupação compartilhada entre as rainhas Hécuba e Clitemnestra, embora em proporções distintas. Enquanto Clitemnestra, no *Agamémnon* de Ésquilo, temia a possibilidade de um caos social que pudesse gerar uma sublevação popular, Hécuba na peça homônima, temia a agitação de uma multidão desgovernada, possivelmente incitada por algum mal, que resultasse na profanação do corpo de Polixena. Nesse contexto, Gregory (EURIPIDES; GREGORY, 1999, p. 119) traça um paralelo com o canto 22 da *Iliada*, no qual uma multidão de soldados gregos buscava se aproximar do corpo morto de Heitor, o herói troiano que havia queimado inúmeros navios gregos, cujo cadáver estava sob a posse de Aquiles (*Iliada*, XXII, vv. 367-370). Embora em contextos diferentes, a preocupação das rainhas com a possível desordem da turba reflete, em ambas as peças, uma das várias faces da *anarkhía* que permeia o teatro grego antigo, oferecendo ao público, neste caso, visão aristocrática, sobre as consequências das ações humanas quando guiadas por paixões e impulsos desenfreados.

A presença da palavra *anarkhía* nas cinco tragédias gregas destacadas neste artigo revela que, ao abordar o conflito entre a autoridade estatal e os valores individuais, as tragédias de Ésquilo, Sófocles e Eurípides oferecem uma perspectiva complexa sobre o significado da justiça, da obediência às leis e da responsabilidade pessoal. A palavra *anarkhía* é utilizada de maneiras distintas, seja para representar a desobediência corajosa de Antígona, o conforto tranquilo do Arauto em *As Suplicantes*, ou o temor de uma possível insurreição popular na mente de Clitemnestra em *Agamémnon*. Essa diversidade temática reflete a relevância contínua da discussão sobre o papel do poder e da governança na construção de uma sociedade estável. As tragédias também abordam as consequências do caos e da desordem, ressoando em questões sociais e políticas ainda pertinentes nos dias de hoje. Através das breves análises dessas obras, nos específicos contextos estudados, convidam-nos a refletir sobre a natureza humana, as dinâmicas sociais e a complexidade das relações políticas, permitindo que a tradição teatral grega permaneça como um legado que inspira discussões e reflexões sobre determinados comportamentos sociais.

## À guisa de conclusões

Nesta pesquisa, nosso principal objetivo foi investigar o significado do termo *anarkhía* como desobediência civil e recusa em obedecer, com base nas definições de Malhadas *et al.* (2006) e nos comentários de Jebb (SOPHOCLES; JEBB, [1888] 2010) e Laffon (2018), o qual foi observado sobretudo nas obras *Os Sete Contra Tebas* de Ésquilo (ÉSQUILO; TORRANO, 2009) e *Antígona* de Sófocles (SOPHOCLES; JEBB [1888] 2010). A desobediência e a rebeldia são elementos intrínsecos na construção das personagens Antígonas nessas duas tragédias, com a *anarkhía* atuando como um fio condutor de suas personalidades e parte essencial de suas identidades, especialmente quando o tema das honras fúnebres a Polínicês é abordado. A rebeldia anárquica tornou-se um elemento marcante na narrativa mitológica da corajosa filha de Édipo, sendo a personagem associada à “anarquia” nos dois trechos analisados nesta pesquisa.

Essas descobertas, mesmo que seja de apenas uma aparição por tragédia, relevam significativa relevância de *anarkhía* como um conceito importante nas tragédias gregas, proporcionando uma boa compreensão dos dilemas éticos e, principalmente, das dinâmicas políticas da sociedade na Grécia Clássica, considerando a riqueza do teatro grego antigo como uma poderosa ferramenta de reflexão sobre questões sociais, políticas e morais.

## Referências Bibliográficas

- ARISTOTLE; NEWMAN, William Lambert. **The politics of Aristotle**: with an introduction, two prefatory essays and notes critical and explanatory by W.L. Newman. Clarendon: Press Oxford, 1902. Disponível em: <<https://archive.org/details/politicsofaristo04arisuoft>>. Acesso em: 10 jan. 2023.
- FRANCISCATO, Maria Cristina Rodrigues da Silva. *Hécuba e As Troianas*: ecos da Guerra do Peloponeso em Eurípides. **Letras Clássicas**, [S.L.], v. 18, n. 2, p. 25, 1 nov. 2014. Universidade de São Paulo, Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica (AGUIA). <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2358-3150.v18i2p25-37>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/letrasclassicas/article/view/122515>. Acesso em: 16 abr. 2023.
- EASTERLING, P. E.; KNOX, Bernard (Orgs.). **Greek literature**. Cambridge [Cambridgeshire]; New York: Cambridge University Press, 1985. (The Cambridge history of classical literature, 1).
- GAGNÉ, R. **Ancestral fault in Ancient Greece**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.
- HOMERO; CAMPOS, Haroldo de. **Íliada de Homero**. 5a ed. São Paulo: Editora Arx, 2008. v. 2.
- LAFFON, Amarande. **Les années sans nom d’archonte (anarkhía)**. Paris: Sorbonne, 2013.
- LAFFON, Amarande, The double warning against anarchy and despotism in Aeschylus’ *Eumenides*. **Roda da fortuna**, Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medieval, Volume 7, Número 2, pp. 07-21. ISSN: 2014-7430, 2018.
- MOTA, Marcus. Sete contra Tebas de Ésquilo. **Revista Archai**, n. 10, p. 145-145, 2013.

- ROMILLY, Jacqueline de. **A Tragédia Grega**. Tradução de Ivo Martinazzo. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.
- ROSENFELD, Kathrin H. **Sófocles & Antígona**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- SOMMERSTEIN, Alan H. **Greek drama and dramatists**. London; New York: Routledge, 2002.
- TATUM, W. Jeffrey. Anarchy and Administration in Sophocles Antigone 259–77. **Classical Philology**, v. 110, n. 2, p. 91–98, 2015. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/10.1086/680659>>. Acesso em: 18 abr. 2023.
- THUCYDIDES; BLOOMFIELD, Samuel Thomas, **The History of the Peloponnesian War**, Vol. III. A new recension of the text; though almost always coinciding with one or other of the texts of Bekker, Goeller, and Poppo; with a statement of their respective variations from the adopted readings, and an amended punctuation; accompanied with original notes, critical, philological, and exegetical; examination questions, indexes, &c. by the Rev. S. T. Bloomfield, D.D. F.S.A. of Sidney Coll. Camb., Vicar of Bisbrooke, Rutland. For the use of Colleges and Schools. In three volumes. Vol. III. College Librarian, New Jersey: College Library. Sold By Longman, Baldwin, Whittaker, and all other booksellers, 1830. Disponível em: <<https://play.google.com/books/reader?id=nn9KAAAAYAAJ&pg=GBS.PA74&hl=pt>>. Acesso em: 03 jan. 2023.
- WEST, Martin L. **Studies in Aeschylus**. Stuttgart: Teubner, 1990.

## Tragédias

- AESCHYLUS; PALEY, Frederick Apthorp. **The tragedies of Aeschylus**. With an English commentary by F. A. Paley. Ed: 2nd. London: Whittaker and Co Ave Maria Lane, 1861.
- AESCHYLUS; HECHT, Anthony; BACON, Helen H. **Seven against Thebes**. New York: Oxford University Press, 1991.
- AESCHYLUS; MORANI, Giulia. **Tragedie e frammenti**. Torino: Unione Tipografico-Editrice Torinese, 1987. (Classici Greci).
- AESCHYLUS; SMYTH, Herbert Weir. **Aeschylus**. With an English Translation by Herbert Weir Smyth - **Volume I Suppliant Maidens, Persians, Prometheus, Seven Against Thebes**, [s.l.]: William Heinemann, 1922.
- AESCHYLUS; SMYTH, Herbert Weir. **Aeschylus**. With an English translation by Herbert Weir Smyth - **Volume II Agamemnon, Libation-bearers, Eumenides, Fragments**, London: Heinemann, 1926.
- AESCHYLUS; BENARDETE, Seth; GRENE, David; *et al.* **Aeschylus**. 3rd ed. Chicago: University of Chicago Press, 2013. (The complete Greek tragedies).
- AESCHYLUS; SOMMERSTEIN, Alan H., **Seven against Thebes**, [s.l.]: Harvard University Press, 2009. Doi: 10.4159/DLCL.aeschylus-seven\_thebes.2009
- ÉSQUILO; TORRANO, José Antonio Alves. **Oresteia: Eumênides - Coéforas - Agamêmnon**. Trad. Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2004.
- ÉSQUILO; TORRANO, José Antonio Alves. **Tragédias: Os Persas, Os Sete contra Tebas, As Suplicantes, Prometeu Cadeeiro**. Estudo e tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2009.
- ÉSQUILO; TRAJANO VIEIRA, Augusto Ricca. **Agamêmnon**. São Paulo: Editora Perspectiva S A, 2020.
- EURIPIDES; GREGORY, Justina. **Hecuba**. Introduction, text and commentary by Justina Gregory. Atlanta (Georgia): Scholars Press, 1999.
- PALEY, Frederick Apthorp, **The tragedies of Aeschylus**, [s.l.]: Whittaker, 1870.
- SALVADOR, Evandro Luis. **Os sete contra Tebas de Ésquilo**: introdução, tradução e comentários.

2006. 116p. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1602529>. Acesso em: 16 ago. 2023.

SOPHOCLES; JEBB, Richard Claverhouse. **The Plays and Fragments**. With critical notes, commentary, and translation in English prose. Part III: The Antigone. Sir Richard C. Jebb. Cambridge. Cambridge University Press. [1888] 2010.

## Dicionários

BAILLY, Anatole. **Le Grand Bailly**: dictionnaire grec français. 4. éd. Paris: Hachette, 2010.

BOBBIO, Norberto *et al.* **Dicionário de política**. 11. ed. ed. Brasília: Unb, Universidade de Brasília, 1998.

GRIMAL, Pierre; JABOUILLE, Victor, **Dicionário da mitologia grega e romana**, 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

LIDDELL, Henry George *et al.*, **A Greek-English lexicon**, Rev. and augm. throughout. Oxford: New York: Clarendon Press; Oxford University Press, 1996.

MALHADAS, Daisi *et. al.* **Dicionário grego-português**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006 – 2010, 5 v.

SOUSA, José Pedro Galvão de; GARCIA, Clovis Lema.; CARVALHO, José Fraga Teixeira de. **Dicionário de política**. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 1998.

THESAURUS LINGVAE GRAECAE (TLG). Thesaurus Linguae Graecae© Digital Library. Ed. Maria C. Pantelia. **ἀναρχία, ας (ή)**. University of California, Irvine. Disponível em: <https://stephanus.tlg.uci.edu/tlg.php>. Acesso em: 25 jul. 2023.

